

Guerrilhas na caatinga: luta armada e ditadura militar no Brasil

Maria da Conceição Francisca Pires

Pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa. Bolsista Faperj. Este artigo é parte modificada de um capítulo da tese de doutorado *Cultura e política entre Fradins, Zeferinos, Graúna e Orelanas* defendida no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense

Resumo

O artigo analisa a representação humorística produzida pelo cartunista mineiro Henfil sobre a luta armada no Brasil durante a ditadura militar. A proposta central é colocar em relevo o caráter político de sua obra, que o distancia de um humor meramente derrisório, e o olhar lançado sobre os conflitos intragrupos.

Palavras-chave: Humor. Política. Ditadura.

Abstract

The article analyzes the humoristic representation produced by the mining cartunista Henfil on the fight seted in Brazil during the military dictatorship. The proposal central is to place in relief the character politician of his workmanship, that the distance of a mere derisory mood, and the look launched on the intragroups conflicts.

Keywords: Humour. Politics. Dictatorship.

Uma minúscula ave preta definida por um ponto de exclamação, um bode intelectual devorador de livros e um “cangaceiro-macho-lutador”. Para cada qual, na intimidade da caatinga, uma alcunha diferente: *Zefé ou Zezé* era forma como *Zeferino* atendia aos carinhosos chamados da *Graúna*, sua *Ninita*. Ambos, por sua vez, chamavam de *Chiquim* ou *Chico* o bode pensador que, talvez por seu caráter pragmático e pouco afeito a sentimentalismos, em geral não adotava diminutivos ou apelidos afetuosos no tratamento com os parceiros. Estes foram os tipos responsáveis pela representação esporádica no *Pasquim*, cotidiana no “Caderno B” do *Jornal do Brasil* e mensal na revista *Fradim*, dos problemas e contradições sócio-econômicos vividos durante os anos 70 no Brasil.

Zeferino Ribamar das Mercês foi o primogênito do grupo. É um personagem cujas influências são bastante claras, a começar pela reunião de aspectos próprios de sua ascendência familiar mineira, originária da região do Polígono das Secas no norte de Minas. Segundo Henfil, “Zeferino seria um pouco como meu pai”¹, seu Henrique,

homem com uma “visão arejada do mundo” que fora tocador de acordeão e tropeiro durante a infância na Fazenda Saco Grande em Pirapora, norte de Belo Horizonte. Associados a essa vivência interiorana encontram-se alguns elementos de sua mãe, D. Maria, procedente de Bocaiúva, cidade tranqüila da zona do Alto São Francisco, como a religiosidade quase mística e o espírito paco e ordeiro que acompanhava de perto sua fé. A junção de tais elementos contribuiu para a composição de um personagem que consegue, por meio de atitudes rústicas, expressar a simplicidade, a resignação, as astúcias e a altivez do povo dos sertões.

Por ter sido colocado como representante das massas numa possível tomada revolucionária, minha análise destacará sua caracterização e o papel assumido nas proposições revolucionárias do autor. Trata-se de um homem de meia idade cujos trajés, hábitos, discursos e práticas revelam sua condição jagunça. “É um cangaceiro que vive na caatinga, com os problemas da caatinga paralelos ao do Brasil.”² O uso contínuo do grande chapéu de couro, das cartucheiras entrelaçadas ao corpo e

¹ Entrevista a SEIXAS, Rozeny. *Zeferino: Henfil & humor na revista Fradim*. Dissertação de Mestrado apresentado a Pós Graduação em Comunicação da Escola de Comunicação da UFRJ, 1980. p. 164.

² HENFIL. Entrevista Revista *Fradim*, n. 21, 1977, p. 31.

das alpercatas, apenas visíveis em algumas sessões de espancamento da Graúna, reforçam a caracterização de sua condição social de sertanejo. Traços fisionômicos marcantes — olhar agressivo, busto largo e fartos bigodes —, associados a apetrechos pessoais como armas (facão, revólver ou carabina), e a rede em que dorme (próprio da sua condição de despossuído) constroem a imagem de “cabra-valente” constantemente desmentida por gestos acovardados e, por vezes, hesitantes.

A sua primeira aparição foi no *Jornal dos Sports*, de 1º de abril de 1969, vésperas das eliminatórias da copa do mundo, durante um ato de pajelança praticado pelos personagens Urubu, Bacalhau, Cri-Cri e Pó-de-Arroz. A idéia era apresentar um personagem que pudesse representar uma síntese da torcida brasileira na Copa do Mundo de 1970. Do JS Zeferino fez, ainda nos anos 70, algumas aparições na revista *Placar* paralelo a pequenas atuações em anúncios, como esse reproduzido logo abaixo, publicado no *Pasquim*.

Em agosto de 1972, após essa rápida passagem pela *Placar*, acompanhado do Bode Orelana e da ave Graúna o personagem conquistou um espaço no *JB*. O discurso de Zeferino intentava representar um clamor para a luta política: “[...] Visava chamar as pessoas para o antimilagre brasileiro e chamar principalmente os homens para enfrentar a ditadura, nem mais, nem menos!”³

Em seus discursos, realiza-se a intersecção entre falares sertanejos repletos de arcaísmos, característicos destes universos discursivos, e enunciações próprias do espaço intelectual urbano de onde são retiradas as matérias para as estórias e onde essas são produzidas. A partir deste encontro, configura-se um personagem que, por meio da fala rústica sertaneja, traduz reflexões contemporâneas acerca dos mecanismos de exploração e opressão social e política, bem como das estratégias e rumos da luta revolucionária contra a ditadura militar. Desta junção de universos sociais e temporais distintos resulta a obtenção de relações dialógicas entre os mesmos, e é apresentada a profunda intimidade e mobilidade do autor por entre tais universos.

Zeferino constitui a representação de um novo agente revolucionário: o povo fustigado pela miséria e pela fome. O entranhamento na pobreza lhe daria a radicalidade necessária para que este se tornasse o promotor

de uma transformação profunda alcançada através da luta violenta contra seus opressores. Seria, então, uma visão mitificada do povo, prenhe de um imaginário retirado d’ *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e de *Grandes Sertões*, de Guimarães Rosa, “[...] no qual a violência, a ferocidade, a fome e a revolta são atributos ou condições do homem e da Terra [...]”⁴. Assim, Henfil ofereceu virtudes à miséria na medida em que a dor tornava-se gestora da revolução. Ao contrário do jagunço sertanejo descrito por Euclides da Cunha como os “homens mais bravos e mais inúteis de nossa terra”, na caatinga inventada por Henfil “os bravos inúteis transformam-se em bravos úteis.”⁵ O homem urbano vivente no olho do furacão — que era a própria ditadura —, tal qual o homem do sertão, parecia nada mais ter a perder e era esta condição de radicalidade que Henfil buscava destacar como fundamental para motivar o engajamento na luta contra a ditadura.

Por meio das produções discursivas do personagem, identifica-se a idealização que o autor fazia do homem rural, uma espécie de “Robin Hood caboclo” similar às lideranças populares que permearam os movimentos insurrecionais do Brasil, na Colônia e no Império. Um homem que expressava uma profunda autoconsciência sobre a sua miserável condição e subjugação social e econômica, e que, em diversas ocasiões, buscou a reversão dessa situação através da violência. Ao mesmo tempo, o personagem desenvolvia práticas alienantes e alienadas que negavam esta conduta ativa e reflexiva.

O caráter paradoxal das práticas zeferinas expressa o conflito entre a idealização revolucionária do autor e a prática inativa imposta pela realidade vivida. Nesses momentos de conflito entre a ação e inação do personagem, o autor recorre ao procedimento de distanciamento para insinuar ao leitor uma reflexão sobre o caráter da mobilização social contra a ditadura. Assim, se por um lado *Zeferino* pode representar a exposição e incorporação de um ideário revolucionário específico dos ’60, compartilhado pelo autor, suas ambigüidades e fragilidades podem também ser concebidas com uma crítica mordaz a este mesmo ideário.

Com esse conflito interno, a condição mítica e heróica do personagem dissipa-se no convívio com os outros personagens e a inação torna-se seu traço distintivo, sem

³ SOUZA, Tarik de. *Como se faz humor político*. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 25

⁴ BENTES, Ivana. *Cartas ao mundo: Glauber Rocha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 28.

⁵ GALVÃO, Walnice. *As formas do falso*. São Paulo: Perspectiva, 1986, p. 20.

que isso signifique a ausência de uma consciência sobre os problemas sociais em que estava mergulhado. A ambigüidade tornou-se, aliás, a marca de todos os personagens que compõem o *Alto da Caatinga*. É esta paradoxal junção de reflexão e perplexidade que norteará as estórias. Este paradoxo não distanciou a metáfora da caatinga da vida na ditadura, pois era também assim que os personagens da vida real, teóricos, artistas, jornalistas e outros profissionais vivenciavam a crua realidade da ditadura militar.

Algumas práticas e hábitos do personagem foram explorados pelo autor tanto para fazer referência a sua condição social, como para expressar essa situação/sentimento de inação que não é só dele (do autor ou do personagem), mas que caracteriza o estado de espírito de parte da sociedade brasileira. A freqüente embriaguez é a principal dessas práticas. Ao intelectual Orelana coube o questionamento reprovador da bebedeira, enquanto a Graúna a utilizava para satisfazer seus ímpetus masoquistas a partir dos arroubos de violência gerada no ébrio Zeferino. Em ocasiões esparsas, refletindo momentos agudos de crise, a embriaguez e seus efeitos (fuga, violência, alucinação) eram partilhados por todo o grupo da caatinga.

Os momentos de embriaguez de Zeferino serviram como representação do apogeu da situação de opressão, imobilidade e ostracismo imposto pela ditadura militar. Em geral, as tiras que abordam esse tema apresentam uma perspectiva ampliada do espaço geográfico da Caatinga. São tiras em ângulo médio e plano geral, onde estão colocados de forma superdimensionada o sol — consumindo a maior parte do quadrinho — as caveiras de gado, os cactos e o chão fumegante de calor. Algumas vezes a embriaguez parece constituir a adesão do grupo às condições alienantes impostas pela ditadura.

Em outras situações, esta despontava como uma forma lúdica de resistência adotada pelos personagens, que tinham consciência da realidade que se impunha e através da embriaguez a rejeitavam e buscavam enxergar uma realidade alternativa.

Assim, da oscilação entre luta e resistência, entrega e desfrute se constituía o personagem *Zeferino*. Além das

influências familiares interioranas, identifica-se a ascensão dos ideais revolucionários que habitaram as premissas de intelectuais, artistas, partidos e movimentos de esquerda dos anos 60 que

[...] valorizavam a ação para mudar a história, para construir o homem novo, nos termos de Marx e Che Guevara. Mas o modelo para esse homem novo estava no passado, na idealização de um autêntico homem do povo, com raízes rurais, do interior, 'do coração do Brasil', supostamente não contaminado pela modernidade urbana capitalista [...] ⁶.

Tratava-se de uma tentativa de redescobrir o Brasil, identificar suas "raízes" para daí propor "as bases para construir o futuro de uma revolução nacional modernizante."⁷

A referência à luta contra o latifúndio e pela reforma agrária, tal qual fundada pelas Ligas Camponesas, esteve presente de forma diversificada no teatro, na poesia e na produção cinematográfica do período. Desta última destacam-se os filmes *Deus e o diabo na terra do sol* (1964), *Terra em transe* (1967) e *O dragão da maldade contra o santo guerreiro* (1969), produzidos por Glauber Rocha, que inauguraram um olhar diferenciado sobre o povo e sua rebeldia primitiva, apresentando-o como uma possibilidade revolucionária no interior da marginalidade e da miséria.

A influência de Glauber na constituição de sua visão de mundo foi assinalada pelo cartunista durante a polêmica travada com o cineasta sobre os rumos do processo de abertura política⁸. Como Henfil, Glauber acreditava na necessidade de se restaurar a fé na revolução através do homem em seu estado máximo de brutalidade, alcançado quando este já não está apenas próximo da miséria, mas é sua própria materialização. Glauber explorou o misticismo e o cangaço tentando exercer sobre eles um efeito desmistificador que os afastaria das perspectivas colonizadoras, comuns na produção literária de viés naturalista ou regionalista, que os apresentavam como expressão do atraso e da passividade do homem pobre rural. Com este propósito, os

⁶ RIDENTI, Marcelo. Cultura e política: os anos 1960-1970 e sua herança. In: Ferreira, Jorge e Delgado, Lucila (org.). *O Brasil republicano: o tempo da ditadura – regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p.135.

⁷ RIDENTI, op. cit., p. 138.

⁸ Com poucas palavras Henfil afirmou: *ele foi um dos caras que me ajudaram a ter consciência de muita coisa*. Em entrevista à *Revista Playboy*, maio de 1979.

mitos apareceram como *tradição a ser superada e fator de transformação e resistência cultural*⁹. Desta forma, em seus filmes os heróis revolucionários foram forjados através da figura de cangaceiros, beatos, vaqueiros, matadores de aluguel e mercenários, vivendo em meio a crises existenciais.

Se por um lado, *Zeferino* concentrava esse potencial simbólico crítico e revolucionário de esquerda, por outro atuou na representação dos valores, práticas e enunciados de um conservadorismo machista de direita que se impunha por isso da força e do emprego das armas. Em várias histórias em que o personagem contracenava diretamente com a *Graúna*, este aspecto tornava-se evidente. Estas histórias mesclaram à problemática do conflito entre gêneros — algumas vezes endossando perspectivas tradicionais, noutras colocando-as em xeque —, temas referentes à luta de classes.

O cartunista — ao inserir um enfoque político sobre aspectos sutis da experiência cotidiana onde são desenvolvidos os antagonismos entre os sexos —, além de tornar manifesto clichês sobre os papéis e atuações sociais de homens e mulheres, colaborou para desnaturalizar tais conflitos e apresentar formas tênues nas quais as relações de poder são construídas e exercidas tanto na esfera pública, como na esfera privada. Assim, nas análises das participações de *Zeferino* é importante dedicar uma maior atenção para o caráter heterogêneo que estas assumem, dependendo do local e das condições em que este elabora suas falas e práticas, para que não nos percamos em suas ambigüidades.

Freqüentemente o personagem assumia uma condição secundária nas tramas da caatinga, tornando-se a Graúna condutora da ação. Entretanto, esta postura não comprometeu a capacidade de Zeferino colocar em relevo, de forma reflexiva, questões importantes para a crítica política proposta por Henfil. Assim, mesmo quando este expressava uma condição de inação e perplexidade, sobretudo se comparado à Graúna, é possível identificar na sua participação a idéia original de apresentar um personagem que, nas palavras do autor, “[...] intentava conquistar os homens para a luta política naquele período, em que o AI-5 começou pra valer [...]”¹⁰. Ou seja, um personagem combativo que representasse a tomada de uma atitude enérgica, aliando a força à

reflexão. Esta postura vigorosa e decisiva manifestava-se ora em arroubos de violência do personagem, ora por uma intervenção veemente, às vezes com caráter paternal ou senhorial, que aplacava os excessos internos e possíveis interferências externas.

Ainda assim, nem sempre esta recuperação de um estado potencialmente transformador resultava em sucesso; raras vezes era aceita de forma consensual pelos demais personagens do grupo, sendo comum o desenvolvimento de uma apreciação crítica sobre a atuação do cangaceiro. Com isso, via de regra, este ideário salvacionista desagregava-se.

Na história em que se sucede o enfrentamento entre o pessoal da caatinga e o rival Lati pelas terras do Alto da Caatinga, o autor coloca em relevo dois temas de singular importância no período: em primeiro lugar, a discussão em torno da questão agrária, tema que há muito tempo tem se constituído no cerne do debate político brasileiro, especialmente em 1964, quando as pressões em torno dessa problemática mostraram-se determinantes para o desenrolar do golpe. Em seguida, o destaque era para o debate que se desenvolvia no interior das esquerdas, políticas e culturais, chamando atenção para as dissonâncias internas que, na perspectiva de Henfil, contribuíram para debilitar a luta contra a ditadura.

Um aspecto importante das lutas camponesas pré-64 foi o papel desempenhado pelo homem comum em seu interior. Embora naquele momento os movimentos rurais pudessem contar com o apoio e a organização do Governo Federal e de lideranças sindicais, nem sempre originadas no meio rural, foi o trabalhador rural, categoria apenas reconhecida como tal em 1963, que atuou como principal agente combativo no interior destes movimentos. Só a partir de então os problemas relacionados a herança rural, nos termos abordados por Sérgio Buarque de Holanda¹¹, ganharam evidência, assumindo a condição de um problema social a ser sanado a partir da implementação de uma série de medidas de cunho político, como a reforma agrária.

O golpe de 1964 representou, entre outras coisas, a tentativa de frear a discussão e a movimentação democrática que tais movimentos suscitaram através da desmobilização e repressão dos mesmos. Neste sentido,

⁹ BENTES, 1997, p. 27.

¹⁰ HENFIL em SOUZA, 1984, p. 25.

¹¹ HOLLANDA, Sérgio B. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

o êxito parece ter sido evidente. Entretanto, parece também não ter sido suficiente para fazer retroceder a repercussão que o debate sobre a reforma agrária alcançou entre a população brasileira. Segundo dados apresentados por Mário Grynszpan:

[...] pesquisas de opinião conduzidas em março de 1964 indicavam que 72% do eleitorado das principais capitais, como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Salvador, Fortaleza e Curitiba apoiavam sua realização.¹²

Certamente o respaldo desta discussão, associado à cautela do governo norte americano quanto à incidência de novos focos revolucionários na América Latina, foi decisivo para que o primeiro governo militar pós-64 criasse uma legislação ordenadora da reforma agrária no país. No entanto, apesar do conjunto de leis que acompanharam o Estatuto da Terra congregarem ações que vinham sendo pleiteadas desde o governo João Goulart, o aspecto político no qual a luta pela reforma agrária havia sido imbuída esfarelou-se, sendo sobreposta por uma justificativa de ordem econômica que afastava e relegava a um segundo plano a até então decisiva participação dos trabalhadores rurais.

A tática de resistência adotada pelos trabalhadores rurais, via Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag) e com o apoio da Igreja Católica, foi decisiva para que o movimento não se esvaecesse: a utilização do Estatuto da Terra e do Estatuto do Trabalhador Rural para reivindicar os seus direitos. Este movimento de resistência ganhou reforço a partir de 1968, quando um grupo de oposição assumiu a direção da Contag tornando-se, assim, decisivo para a intermediação e organização das reivindicações num âmbito nacional. Ainda segundo Grynszpan, lutava-se pela implementação de medidas previstas pela legislação, mas que nunca foram colocadas em prática, o que num contexto de ditadura significou uma intensa e exaustiva peleja.

Tendo este contexto em vista, torna-se compreensível a relevância da introdução deste debate na crítica humorística henfiliana. A estória mencionada foi produzida em 1973, editada com restrições no JB e publicada

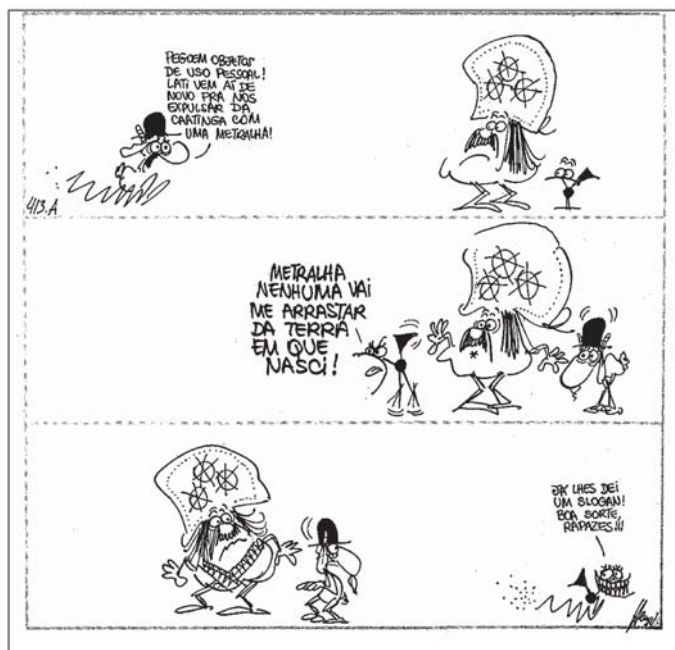
na íntegra na revista *Fradim*, entre 1976 e 1977, no mesmo momento em que se percebe os primeiros sinais de reorganização dos movimentos dos trabalhadores urbanos, especificamente o movimento operário, e dos movimentos sociais em relação aos quais Henfil mostrou-se profundamente solidário. Deste modo, ao incorporar esta questão, mesmo que de forma ainda idealizada, Henfil apresentava sua contribuição para a retomada e a proliferação da discussão sobre a reforma agrária entre seus leitores, bem como demonstrava o seu apoio à reorganização dos movimentos de luta pela abertura via união entre movimentos sociais, de trabalhadores urbanos e rurais.

A primeira estória a ser utilizada consta no número 15 da revista *Fradim*. A adoção do enquadramento em plano geral e total permite que sutis detalhes do cenário, como a aparição do sol quadrado exatamente quando Zeferino assume a liderança da luta, contribuir para o reforço do caráter de conflito que subjaz à estória.

Na parte introdutória um aspecto é colocado de imediato em evidência de forma hábil pelo autor: as formas de atuação e o conteúdo discursivo propagado por grupos distintos quando unidos no contexto de luta contra o autoritarismo, dando singular ênfase às discordâncias existentes entre os mesmos. Coube ao bode Orelana comunicar aos demais a invasão iminente. O anúncio foi feito sob a expressão de temor e aflição do intelectual que, em seguida, postou-se trêmulo e com olhar amedrontado atrás de Zeferino. À Graúna coube a ação de expressar, em forma de palavra de ordem, a indignação geral para, em seguida, com um cínico sorriso nos lábios, partir também de forma acovardada.

Os primeiros papéis parecem ser indicados a partir do espaço geográfico que cada personagem passa a ocupar na estória: à frente do grupo, pronto para sofrer os reveses do ataque inimigo, o atônito Zeferino, cuja postura silenciosa e imóvel foi enfatizada pelo autor a partir do desenho de sua boca em forma de asterisco, resguardando-o da responsabilidade de ter iniciado o desafio; em segundo lugar, também estático e calado, próximo às bases e protegido por estas, o intelectual Orelana; finalmente, num plano distanciado a Graúna, cuja contribuição limitou-se à indução ao combate por meio da elaboração de slogans de protesto.

¹² GRINSZPAN, Mário. A questão agrária no Brasil pós-1964 e o MST. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. N. (org.), op. cit., p. 321.



O limiar da estória apresenta uma interpretação comum aos defensores da luta armada:¹³ a constatação do imobilismo com que a esquerda assistiu a tomada do poder pela direita golpista e de que a reação armada veio de forma tardia, em condições já adversas. De modo parodístico, Henfil expôs as críticas que fundamentaram os conteúdos discursivos de alguns grupos que compunham a extensa frente de luta contra o autoritarismo e por mudanças nas estruturas econômicas e sociais do país.

A defesa da ação armada revolucionária desenvolveu-se entre algumas tendências de esquerda no início da década de 60. Segundo Ridenti, propagando esta linha de atuação, destacaram-se a Ação Popular (AP), defensora da “[...] criação de uma alternativa política que não fosse capitalista nem socialista, inspirada num humanismo cristão mesclado com influências da Revolução Cubana [...]”, e a Organização Revolucionária Marxista – Política Operária (ORM-POLOP), cuja premissa central era “[...] a defesa da luta armada revolucionária pelo socialismo.”¹⁴ Após o golpe, durante o processo de auto-

crítica que se desenvolveu no interior das esquerdas, a defesa da luta armada ganhou ênfase e dimensão diferenciada.

Enquanto o PCB permanecia preconizando a via pacífica, as demais organizações¹⁵ discutiam sobre a maneira pela qual ela deveria ocorrer, se através da guerrilha rural ou urbana, quais os pólos teóricos a serem adotados, dividindo-se entre o guevarismo, o maoísmo e/ou a fusão dos dois, e, finalmente, o peso das massas urbanas ou rurais no desenrolar da guerrilha.

Apesar desta série de discordâncias entre as esquerdas armadas estas tinham em comum em primeiro lugar: “[...] a proposição de iniciar a revolução pela guerra de guerrilhas no campo”; e em segundo lugar, um projeto de derrubar a ditadura e avançar “[...] rumo ao fim da exploração de classe, embora houvesse divergências entre as organizações sobre como se chegaria ao socialismo.”¹⁶

Com a eliminação da Guerrilha do Araguaia, em 1974, o projeto guerrilheiro faleceu definitivamente. Entretanto, seu caráter libertário permaneceu vivo ainda por um bom tempo no imaginário dos que, como Henfil,

¹³ A esse respeito ver GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas: a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Ática, 1987.

¹⁴ RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993, p. 26.

¹⁵ Citados por RIDENTI, 1993, p. 44-53: Partido Comunista do Brasil (PC do B), Ala Vermelha do Partido Comunista do Brasil (ALA), Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), Comandos de Libertação Nacional (COLINA), Ação Libertadora nacional (ALN), Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), Partido Operário Comunista (POC), Partido Revolucionário dos Trabalhadores (PRT), Vanguarda Armada Revolucionária (VAR), Resistência Democrática (REDE), além da Ação Popular (AP) e da Organização Revolucionária Marxista – Política Operária (ORM-PO ou POLOP).

¹⁶ Idem, p. 63.

perceberam nesta estratégia de luta uma forma de remissão dos erros revolucionários do passado.

Este referencial ideológico é esquadrihado nesta estória quando Henfil coloca nas mãos de Zeferino, sob o enigmático sol quadrado e de posse das armas, a ação de convocar e organizar seus pares à luta tão logo se declaram suspensas as possibilidades de manutenção do

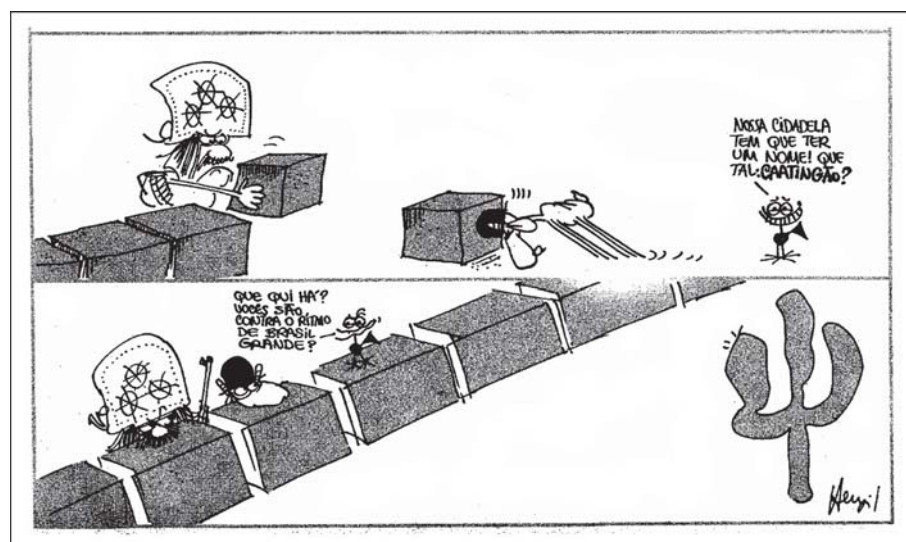
consenso e do diálogo. O combate inicia-se com a propositura da edificação de uma *cidadela* de resistência. A idéia de construção de uma *cidadela* traz ao fundo o projeto, partilhado pelas esquerdas armadas, de transformação de toda a estrutura social, cultural, política e econômica vigente.



Na frente da trincheira um só inimigo: o invisível Lati, representante dos interesses dos latifundiários, da direita conservadora, autoritária e militarizada e das multinacionais. Por trás da trincheira, os deserdados da caatinga, representantes dos destituídos da terra e dos que se sentiam cassados em seus direitos e liberdades basilares. Ali, nesse lado da batalha, um novo conflito se instaura: como nomear essa trincheira ideológica que se formou? Também de forma subjacente a discussão parece girar em torno de decidir qual o nome/grupo/

partido/ideologia conseguirá congregar e representar todos os interesses.

A natureza do debate que se desenvolve indica três tendências ideológico-discursivas em parceria e em confronto íntimo: a primeira, defendida pela Graúna, seguia a lógica do discurso militar e buscava legitimidade na mística do crescimento propondo a denominação de Caatingão para a cidadela de resistência, sem perceber a proximidade estabelecida com a retórica inimiga ao mesmo tempo em que rebatia o regime.



Entendo que a alusão a esta proximidade de interesses entre grupos que se localizavam em posições opostas durante a ditadura consistiu na exposição da crítica, que não era específica do autor, à tendência

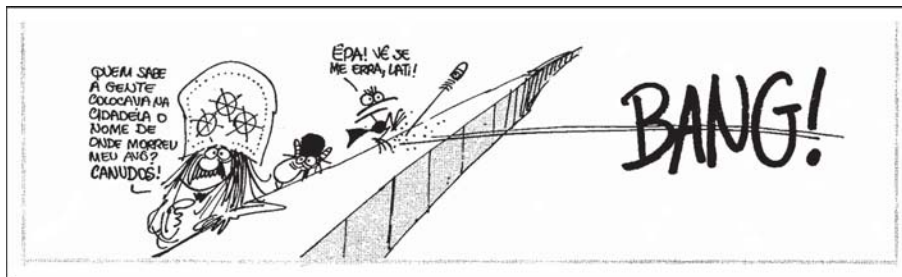
política defendida pelo PCB e que se mostrou fatal para o desenrolar da almejada revolução brasileira. Nesta, em linhas gerais, defendia-se uma revolução em duas etapas, sendo a primeira "[...] a da revolução nacional e demo-

crática, de conteúdo antiimperialista e antifeudal”, realizada a partir “[...] da composição de forças sociais [que reuniria]: o proletariado, os camponeses, a pequena burguesia e a burguesia nacional.”¹⁷

Segundo Gorender foi ilusória a crença na viabilidade de uma revolução no Brasil pela via pacífica e com o apoio de uma burguesia que “[...] já era classe dominante e tinha vinculação estreita com o imperialismo.”¹⁸ Assim, a proposição da Graúna a coloca como representante da

burguesia nacional que parece encarar com simpatia o ideário de crescimento divulgado, com especial rigor, pela ditadura militar.

A segunda foi apresentada por Zeferino enquanto esboçava um gesto de inocente contentamento (olhar distante, sorriso leve, indicador apontando para os lábios num ar de dúvida). Trata-se de uma evocação do legado das lutas do passado para servir como base norteadora do novo projeto insurrecional.



Esta se alinha à perspectiva ideológica comum entre as organizações de esquerda pós-64, que valorizava o papel da guerrilha rural, rejeitava a atribuição revolucionária delegada à burguesia e ressaltava o mérito da ação que “[...] significa violência revolucionária, luta armada, guerrilha,”¹⁹ bem como conferia ao projeto revolucionário um caráter genuinamente popular.

Por outro lado, aproxima-se também da proposta consolidada entre intelectuais e artistas no início dos anos

60, exortando o desenvolvimento de uma cultura nacional e popular. A exaltação e a busca de aproximação aos oprimidos, trabalhadores e tipos sociais como violeiro, boiadeiro, camponês e favelado sofreram severa crítica de formalistas e vanguardistas no final dos anos 60 e início dos anos 70, por incitar menos uma mobilização revolucionária que um estado de comoção emocional, assim como por seu caráter conservador, contrário a inovações na forma e no conteúdo.



Finalmente tem-se a proposta pelo intelectual Orelana, agora apresentando uma expressão de convencimento em substituição as feições de espanto que o caracterizaram até então. A proposta é incorporar a propaganda para que se obtenha o êxito da cidadela revolucionária.

Tal proposição se avizinha da idéia de “propaganda armada” defendida por alguns grupos armados, como a ALA, a VAR-Palmares, a VPR e a ALN, após a radicalização do AI-5 e “[...] com a imersão geral das esquerdas na ‘luta armada’ e o distanciamento da implantação da almejada guerrilha rural [...]”²⁰ De forma concisa a “pro-

¹⁷ GORENDER, 1987, p. 30.

¹⁸ Idem, p. 31.

¹⁹ GORENDER, 1987, p. 96.

²⁰ RIDENTI, 1993, p. 49.

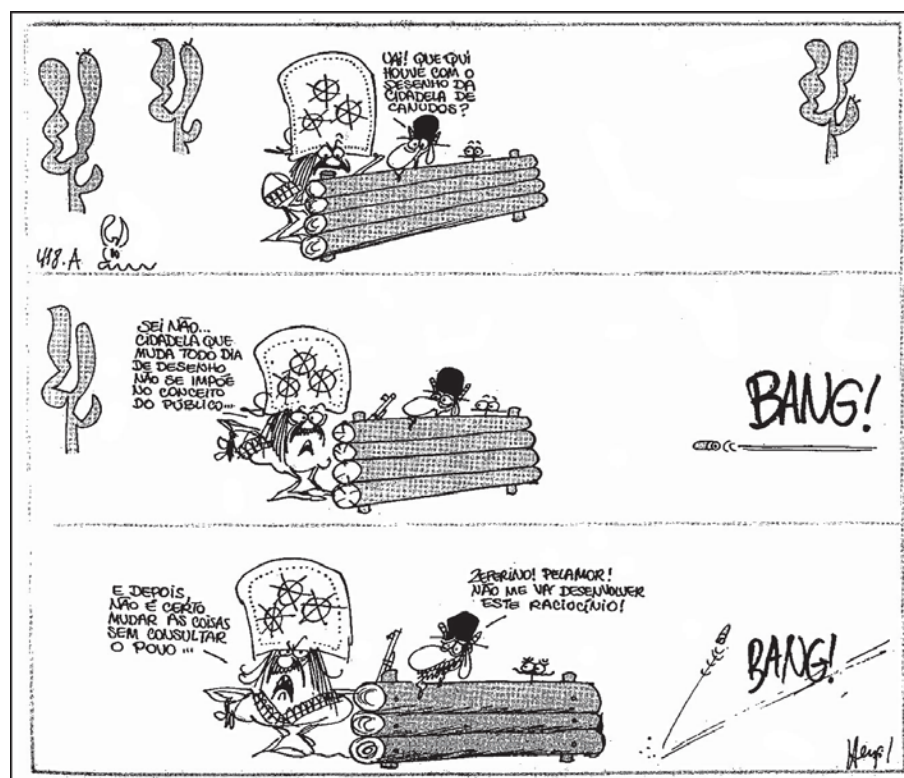
paganda armada” seria o desenvolvimento de ações armadas urbanas que teriam como objetivo levar ao conhecimento do proletariado e de outras camadas urbanas as ações revolucionárias e conquistar adesão para o movimento. Identifica-se significativa divergência entre os grupos quanto às estratégias de ação das mesmas. Uns defendiam ações mais militaristas, como “[...] ataques a bancos, emboscadas, deserções e desvios de armas, recuperação de prisioneiros, execuções, seqüestros, sabotagens, terrorismo e guerra de nervos [...]”, enquanto outros temerosos de se tornar “propaganda das armas por si sós” previam ações menos agressivas, mas de impacto, como “[...] colocar no ar manifestos revolucionários através da tomada de rádios, fazer panfletagem nas portas de fábrica por intermédio de grupos armados, [...] aplicar corretivos num capataz especialmente odiado numa fábrica [...]”.²¹

Um aspecto interessante nestes planos de ação é a crença tanto no poder das armas nos meios urbanos, como na “lógica do espetáculo” utilizada com especial êxito pelos militares no poder. Como relatado por Herbert Daniel:

[...] os grupos armados, acalentados com os ecos sensacionalistas das suas atividades, consideravam-se maiores: acreditavam no fantasma duma imagem publicitária, num gigantismo obscuro e supersticioso, que servia mais e melhor aos interesses do inimigo.²²

O desenrolar dos acontecimentos tornou-se responsável pelo despedaçar de tais crenças.

Por outro lado, a apresentação desta proposta ajusta-se à cortante crítica realizada contra as premissas da vanguarda artística representada sobretudo pelo tropicalismo que proclamava a inexorabilidade do avanço industrial e tecnológico. Os tropicalistas apregoavam a possibilidade de se integrar à indústria cultural para, a partir daí, revolucioná-la internamente por meio da difusão de um conteúdo politicamente indisciplinado e pretensamente anárquico. No entanto, é importante salientar que a afirmação dos trágicos efeitos da modernização sobre os despojados de poder e riqueza e a referência crítica “[...] aos paradoxos da sobreposição do Brasil agrário-atrasado-oligárquico ao país urbano-



²¹ Trecho retirado do Pequeno Manuel do Guerrilheiro Urbano da ALN, citado por RIDENTI, op. cit., 1993, p. 50.

²² DANIEL, Herbert. *Passagem para o próximo sonho*. Rio de Janeiro: Codecri, 1982, p. 110.

²³ RIDENTI, 1993, p. 87

²⁴ Idem, p. 87.

moderno-capitalista”²³ esteve presente nos versos cantantes dos tropicalistas.

Porém, não era o que enxergavam os seus críticos, para quem o tropicalismo seria a “[...] expressão artística da conjugação das forças conservadoras modernizantes e arcaicas que se aliaram para dar o golpe de 1964.”²⁴ Esta perspectiva foi compartilhada por Henfil, que questionou a incorporação de um valor de mercado deste tipo de produção artística em detrimento do valor de protesto.

Ao abordar pelo viés humorístico, a “violência retardada” e este conflito de interesses e parâmetros ideológicos, Henfil iluminou os elementos que, não só na sua perspectiva fragmentaram e, de certa forma, enfraqueceram a base de luta contra o regime. Esta premissa é colocada em relevo nos quadros finais da estória, onde a sólida muralha que defendia a cidadela foi substituída por uma frágil cerca de madeira.

Ao final desta parte da estória, com as derradeiras palavras de Zeferino, ele promove um distanciamento crítico sobre este complexo ideológico e discursivo ao lançar dúvidas sobre o valor estratégico das constantes mudanças no interior da cidadela de resistência e ao indagar a respeito da participação popular no processo social. Por meio da paródia e com o auxílio da metáfora, ele consente e rejeita, num exercício dialético, os parâmetros ideológicos vigentes no interior das esquerdas, promovendo o questionamento dos mesmos.

Dessa forma, o autor tornou pública sua inquietação diante do conjunto de idéias, práticas e discursos, alguns parecendo já esgotados, que ampararam a frente de luta contra a ditadura militar, propondo a necessidade de reavaliá-los ou, quiçá, substituí-los por algo original. Apesar do questionamento e das denúncias que são apresentadas não se identifica a sugestão de esquemas alternativos.

O propósito central da representação humorística sobre a luta armada parece ser o de estimular no leitor uma identidade de resistência que é aquela

[...] criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em prin-

cípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos.²⁵

Ao mesmo tempo, esta contribui, de forma incisiva, para impulsionar no leitor a capacidade reflexiva, desmitificando a esquerda do qual o próprio autor faz parte. Nesse sentido, “[...] parodiar é dessacralizar sem descrer, pois só se discute e se leva em consideração aquilo em que se acredita.”²⁶

Referências

BENTES, Ivana. *Cartas ao mundo*: Glauber Rocha. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DANIEL, Herbert. *Passagem para o próximo sonho*. Rio de Janeiro: Codecri, 1982.

GALVÃO, Walnice. *As formas do falso*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas: a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Ática, 1987.

GRINSZPAN, Mário. A questão agrária no Brasil pós-1964 e o MST. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de A. N. (Org.). *O Brasil republicano: o templo da ditadura — regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

HOLLANDA, Sérgio B. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIDENTI, Marcelo. Cultura e Política: os anos 1960-1970 e sua herança. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de A. N. (Org.). *O Brasil republicano: o templo da ditadura — regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

SEIXAS, Rozeny. *Zeferino: Henfil & humor na revista Fradim*. Dissertação de Mestrado apresentado a Pós Gra-

²⁵ CASTELLS, M. *O poder da identidade*. v. II. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 24.

²⁶ ARAGÃO, Maria L. A paródia em a força do destino. In: DIAS, Ângela; LYRA, Pedro (org.). *Sobre a paródia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980, n. 62, p. 20.

duação em Comunicação da Escola de Comunicação da UFRJ, 1980.

SOUZA, Tarik de. *Como se faz humor político*. Petrópolis: Vozes, 1984.

